
Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

O IMPACTO DA AUTOMEDICAÇÃO NOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Ariane Aparecida Fernando Siqueira¹

Eduarda Dos Santos Pereira²

Karolina De Jesus Santos³

Resumo: Este estudo investigou a prática da automedicação entre profissionais de enfermagem, com o objetivo de compreender os fatores que os motivam e avaliar seus riscos e consequências. A automedicação, definida como o uso de medicamentos por conta própria ou pela indicação de pessoas não habilitadas, tem se mostrado frequente entre enfermeiros, técnicos e auxiliares, sendo influenciada pela sobrecarga de trabalho, estresse, múltiplos vínculos empregatícios e fácil acesso aos medicamentos. A pesquisa foi realizada com 65 profissionais de enfermagem do município de Atibaia, São Paulo, atuantes em unidades hospitalares, pronto atendimentos, unidades básicas de saúde e outros serviços, por meio de questionário semiestruturado aplicado via Google Forms. Os resultados mostraram que 93,8% dos participantes já se automedicaram, muitas vezes no próprio ambiente de trabalho, utilizando principalmente analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos, além de antibióticos e psicotrópicos, apesar de conhecerem os riscos associados. Essa contradição evidencia que a prática da automedicação, apesar de comum, representa sérios riscos à saúde física e mental, podendo comprometer o desempenho profissional. Conclui-se que a automedicação entre profissionais de enfermagem é um problema relevante, exigindo ações educativas e políticas institucionais voltadas ao autocuidado, à conscientização sobre os riscos e à prevenção de danos à saúde do trabalhador.

Palavras-chave: Automedicação; Impactos da automedicação; Técnicos de enfermagem.

1. INTRODUÇÃO

O uso de medicamentos sem prescrição médica é chamado de automedicação, essa prática começa muitas vezes ainda na adolescência, influenciada por familiares, amigos, propagandas ou pelo próprio conhecimento, que acreditam ser o suficiente

¹ Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Carmine Biagio Tundisi – ariane.siqueira@etec.sp.gov.br

² Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Carmine Biagio Tundisi – eduardasantospereira9@gmail.com

³ Técnico em Enfermagem, na Etec Prof. Carmine Biagio Tundisi – karolinadjsantos@gmail.com

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

para se medicarem. Sabe-se que a automedicação nos profissionais de saúde é recorrente e tem apresentado aumento preocupante, abrangendo todos os profissionais de enfermagem, em busca de melhor desempenho cognitivo e físico (FERNANDES, SANTOS E OLIVEIRA, 2024). Diante desse problema, surge a seguinte pergunta: “Como a automedicação pode influenciar no cotidiano da equipe de enfermagem?”. Assim sendo, o trabalho foi escolhido com base na experiência vivenciada nos campos de estágio prático, a qual frequentemente foi apresentada a automedicação entre os profissionais de enfermagem. Na maioria das vezes, a rotina exaustiva, o estresse constante e o fácil acesso aos medicamentos influenciaram na prática da automedicação entre esses profissionais que, por vezes, acabaram negligenciando sua própria saúde, recorrendo ao uso de medicamentos sem a devida orientação médica como uma forma de aliviar sintomas e continuar a exercer suas funções. Esse comportamento pode trazer sérios riscos à saúde do trabalhador, afetando tanto sua qualidade de vida quanto seu desempenho profissional. Diante disso, apresenta-se o objetivo de ampliar a discussão sobre a importância do autocuidado consciente na enfermagem, promover a conscientização da equipe técnica sobre os riscos da automedicação e, identificar os principais fatores que levam os profissionais de enfermagem à prática da automedicação, avaliar os riscos, consequências, e nível de conhecimento e percepção.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa e quantitativa que se aplica ao estudo do impacto da automedicação em profissionais da enfermagem, apresentadas no serviço de saúde. O estudo foi realizado com estudantes do curso técnico de enfermagem e profissionais de enfermagem atuantes em instituições hospitalares públicas e privadas, unidades básicas de saúde e unidades ambulatoriais do município de Atibaia, São Paulo. A população estudada constituiu-se de 65 profissionais de enfermagem, sendo eles, 22 técnicos de enfermagem, 26 auxiliares de enfermagem e 17 enfermeiros. Para a coleta dos dados foi utilizada uma pesquisa semiestruturada, via Google Forms, que serve como lembrete ou guia. O instrumento construído pelos autores constou de duas partes, sendo a primeira para caracterização dos participantes e a segunda com as seguintes questões norteadoras: “Você já se automedicou?” e “Se você pudesse mudar algo

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

para melhorar, minimizar ou mesmo eliminar a automedicação, o que mudaria?”. Os dados foram analisados pelos próprios pesquisadores.

2. DESENVOLVIMENTO

“A automedicação é a utilização de medicamentos por conta própria ou pela indicação de uma pessoa não habilitada, ou seja, alguém que não é profissional de saúde, apto a prescrever, para tratar de sinais e sintomas relatados pelo indivíduo” (BVS, 1970). Pinto et al (2021) descreve automedicação da mesma forma que o autor anterior e acrescenta que a prática se estende também a automedicação orientada, referindo-se à reutilização de receitas antigas que não são emitidas para medicamentos de uso contínuo. No Brasil, a automedicação tem origem na época colonial portuguesa, quando os farmacêuticos eram responsáveis pela prescrição, processamento e produção de medicamentos (SOUZA e ANDRADE, 2022 e ALVES et al, 2019). Essa realização vem de culturas, educação, sendo incentivado por familiares, amigos, vizinhos e propagandas (KING, 2021).

O uso indiscriminado de medicamentos sem a orientação de um profissional é um problema de saúde pública que tem aumentado nos últimos anos, fatores como fácil acesso a fármacos isentos de prescrição contribuem para essa prática. Com a crescente demanda por produtividade e longas jornadas de trabalho, especialmente nas áreas da saúde, tem se observado um aumento significativo de agravos que comprometem a funcionalidade dos trabalhadores. Os sinais e sintomas mais comuns que levam os indivíduos a praticarem a automedicação incluem dores, formigamentos, fadiga, e dormência, podendo evoluir para quadros de esgotamento físico e mental, com impactos significativos na vida pessoal e profissional do indivíduo (RIBEIRO et al, 2022).

Os estudos associados à automedicação demonstram que a exaustão favorece o adoecimento físico e mental, o que resulta em sofrimento no trabalho e serve como sinal de alerta para doenças. Os múltiplos vínculos empregatícios são considerados como questão de sobrevivência, particularmente entre os que trabalham sob o regime de plantão, devido aos baixos salários que forçam os profissionais de enfermagem a uma necessidade de complementação da renda. Adicionalmente, foi evidenciado

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

relatos dos enfermeiros acerca de dores no corpo e problemas musculoesqueléticos associados ao esgotamento físico e mental (SÁ et al, 2025).

O Brasil é um dos principais consumidores mundiais de medicamentos, com o mercado alcançando 22,1 bilhões de dólares anualmente e a ampla disponibilidade aumenta a possibilidade de uso irracional (FERREIRA e CARVALHO, 2021).

É fundamental que as pessoas realizem o uso de medicamentos adequados e conscientize sobre os riscos causados pela automedicação (SILVA, SOUZA e AOYAMA, 2020). Uma preocupante consequência da automedicação são as intoxicações medicamentosas, as quais surgem devido a mecanismos complexos, relacionados a processos farmacodinâmicos e farmacocinéticos envolvidos, por sua vez, com características individuais, com propriedades farmacêuticas do produto e com interações com medicamentos e alimentos.

No Brasil, o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas registrou, segundo Xavier (2021), apenas em 2017, cerca de 20 mil casos de intoxicação por uso de medicamentos e 50 mortes, correspondendo a uma letalidade de 0,25%. No mesmo ano, os medicamentos foram a primeira causa de intoxicação humana por agente tóxico, sendo responsável por 27,11% do total de casos registrados deste tipo de toxicose. Quanto à faixa etária, percebeu-se uma predominância de crianças menores de 4 anos e jovens adultos (20 a 29 anos) como os grupos que sofreram de envenenamento por medicamentos em 2017.

Pessoas que se automedicam costumam ter conhecimento prático sabem para que serve um analgésico ou antipirético, mas desconhecem riscos importantes como interações medicamentosas, efeitos adversos, contraindicações e problemas do uso inadequado, muitos se orientam por experiência anterior, familiares, farmacêutico e internet (BRASIL, 2022).

A regulamentação da propaganda de medicamentos no Brasil tem suas primeiras regras anunciadas dentro da Lei nº 6.360 de 1976, que dispõe sobre as normas de vigilância sanitária a que ficam sujeitos os medicamentos, drogas, insumos farmacêuticos e correlatos, cosméticos, assim como saneantes e outros produtos que, por sua vez, devem ser autorizados para fabricação pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 1976). Essa Lei se baseou na preocupação com a automedicação, de maneira que vinha a fiscalizar a publicidade de medicamentos e de outros produtos

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

que também estivessem sujeitos à vigilância sanitária (FERREIRA e CARVALHO, 2021).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada com 65 profissionais de enfermagem, sendo eles, 22 técnicos de enfermagem (33,8%), 26 auxiliares de enfermagem (40%) e 17 enfermeiros (26,2%). 100% dos entrevistados responderam o formulário via Google Forms por livre e espontânea vontade, tendo assegurados o seu anonimato. 81,5% dos entrevistados são do sexo feminino, enquanto que 18,5% são do sexo masculino. 35,4% das respostas foram efetuadas por profissionais atuantes em unidades de internação, 27,7% em setores fechados, 23,1% em pronto atendimentos, 3,1% em unidades básica de saúde e 15,2% trabalham em outras unidades, incluindo ambulatórios, homecare e laboratórios de análises clínicas.

Ao questionar os entrevistados sobre a realização de automedicação, houve predominância de 93,8% de respostas positiva para a pergunta, e 6,2% informam que nunca se automedicaram. Destes, 72,4% afirmaram já ter realizado a prática em seu próprio ambiente de trabalho, durante o expediente. As doenças crônicas são uma das principais causas para a automedicação e por serem mais frequentes em pessoas do sexo feminino, isto explica a maior procura das mulheres aos medicamentos (DELGADO, 2018). Os mesmos 93,8% dos profissionais afirmam conhecer os riscos de utilizar medicamentos sem prescrição ou indicação médica, porém Xavier (2021) afirma que há um número significativo de internações por intoxicações medicamentosas e o Ministério da Saúde do Brasil (2022) afirma que normalmente as pessoas compreendem as ações medicamentosas, mas não se preocupam com os efeitos adversos, interações medicamentosas e contraindicações, sendo, portanto, contraditório com os achados sobre a segurança da prática de automedicação.

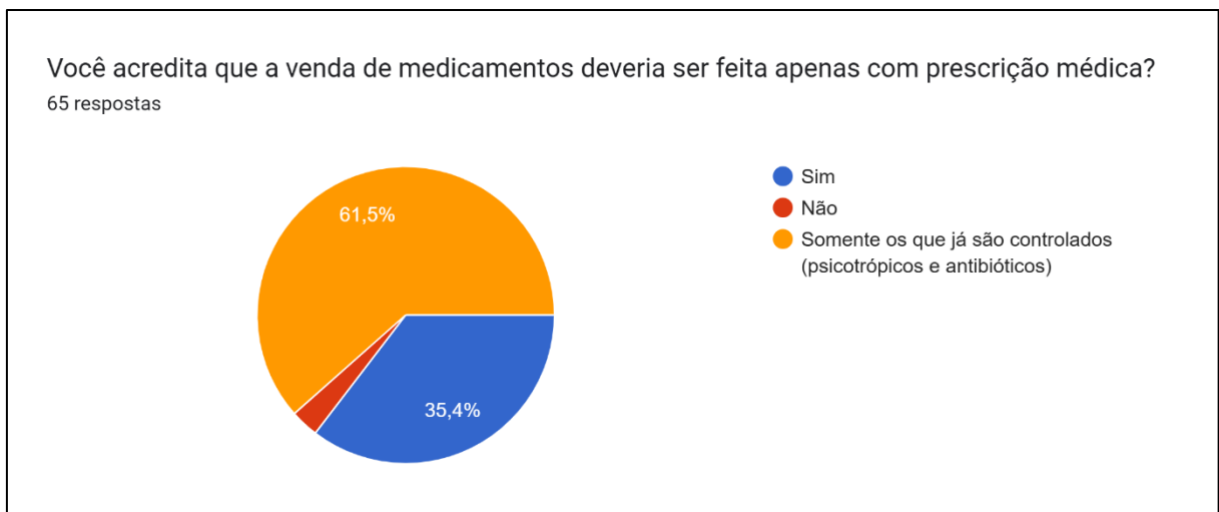
Segundo Wyterlin, Júnior e Nascimento (2021), quando os medicamentos são utilizados, podem apresentar efeitos colaterais, que são indesejáveis e que estão relacionados diretamente à ação farmacológica dos medicamentos, ou seja, são previsíveis em sua maioria. Os principais efeitos colaterais dos medicamentos consistem em: náusea e vômito, cefaleia, alteração no sono, alterações no peso

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

corporal, mudanças na pressão arterial, prurido, vertigem e alterações na frequência cardíaca. Segundo os dados coletados via Forms os entrevistados acreditam que os riscos associados a automedicação são: Mascarar (camuflar) sinais e sintomas obteve 47 respostas (75,6%), Danos fisiológico e neurológicos obteve 45 respostas (71,4%), Dependência química obteve 43 respostas (68,3%), Overdose medicamentos obteve 32 respostas (50,8%), Dependência emocional obteve 30 respostas (47,6%), Óbito obteve 29 resposta (46%), Aborto obteve 23 resposta (36,5%), Antibioticoterapia, Uso indiscriminado obteve 1 resposta (1,6. %). As principais classes medicamentosas utilizadas sem indicação médica incluem analgésicos (92,3%), anti-inflamatórios (55,4%), antitêrmicos (41,5%), antibióticos (12,3%), psicotrópicos (3,1%) e antialérgicos (1,5%).

Segundo Wyterlin, Júnior e Nascimento (2021), a realidade apresentada nos hospitais é de profissionais cansados e sobrecarregados e o fácil acesso a medicações psicoativas, e afim de minimizar o estresse os profissionais acaba se automedicando prejudicando a sua saúde física e mental.

Gráfico 1: Você acredita que a venda de medicamentos deveria ser feita apenas com prescrição médica?



Fonte: Dos próprios autores, 2025.

Segundo Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2025) a venda de antibióticos e medicamentos psicotrópicos é rigorosamente controlada, exigindo receita de controle especial em duas vias — uma retida pela farmácia e outra devolvida ao paciente, carimbada. No caso dos psicotrópicos, é necessária ainda uma

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

Notificação de Receita (NR) específica, conforme a lista de enquadramento do medicamento. Esses produtos, também chamados de “Sujeitos a Controle Especial”, possuem propriedades químicas e farmacológicas que lhes conferem potencial de causar dependência, abuso e desvio de uso, motivo pelo qual estão sujeitos a controle mais rígido que os medicamentos comuns.

Ao serem questionados sobre “Porque você pratica a automedicação?”, 19 respostas citam, de alguma forma, a detenção do conhecimento sobre a ação das medicações e seus efeitos esperados. O Entrevistado 2 afirma que *“Dependendo do momento, como temos um breve conhecimento sobre as medicações [...] acabamos se automedicando”*. Outras 19 respostas afirmam praticar a automedicação como forma de alívio rápido da dor, como descrito pelo Entrevistado 9: *“Uso analgésicos e anti-inflamatórios por buscar alívio rápido para dores, mas sei que isso pode trazer riscos à saúde”*. 17 indivíduos citam a dificuldade em buscar atendimento médico e/ou hospitalar, devido a demora nos atendimentos e a previsibilidade da prescrição médica, como afirmado pelo Entrevistado 33, *“Porque depender do serviço de saúde pública é difícil então na maioria das vezes opto por ir à farmácia e me automedicar”*. Por fim, 7 respostas encontradas descrevem a facilidade, a viabilidade e a acessibilidade aos fármacos, *“Pq tem disponível”* (Entrevistado 8) e *“Por ser mais viável”* (Entrevistado 1).

Além disso, o Entrevistado 27 apresenta uma resposta que engloba todas as classificações acima: *“Por entender o princípio ativo da medicação, saber de fato para o que ela serve e pela praticidade de não precisar ir até o médico, claro que tem pós e contras, as vezes mascarar uma algia pode levar a danos sérios em algumas pessoas, mas a praticidade de entender para o que serve me leva a realizar automedicação”*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar de que forma a automedicação pode influenciar o cotidiano da equipe de enfermagem, identificando os fatores que

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

contribuem para essa prática, bem como os riscos e consequências decorrentes do uso de medicamentos sem prescrição médica.

Com base nos resultados obtidos, verificou-se que a automedicação é uma conduta amplamente presente entre os profissionais de enfermagem, alcançando 93,8% dos participantes da pesquisa. Entre os principais fatores que favorecem essa prática está o conhecimento técnico adquirido na formação profissional, que pode gerar uma falsa sensação de segurança quanto ao uso de fármacos sem orientação adequada.

As classes de medicamentos mais utilizadas foram os analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos, sendo preocupante a utilização de antibióticos e psicotrópicos sem prescrição, por se tratarem de substâncias controladas, cujo uso indevido pode ocasionar sérios prejuízos à saúde física e mental. Essa realidade evidencia a necessidade de maior vigilância quanto ao acesso a medicamentos e de políticas institucionais voltadas à promoção do autocuidado e da saúde mental entre os profissionais da enfermagem.

Observou-se ainda que, embora a maioria dos participantes reconheça os riscos da automedicação, a prática permanece recorrente, demonstrando uma contradição entre o conhecimento científico e a conduta pessoal. Tal fato reforça a importância de ações educativas contínuas e de programas de conscientização sobre o uso racional de medicamentos, estimulando práticas de autocuidado e responsabilidade com a própria saúde.

Dessa forma, conclui-se que a automedicação, ainda que pareça uma solução imediata para o alívio de sintomas, representa um risco significativo à saúde dos profissionais de enfermagem e pode comprometer o desempenho e a qualidade da assistência prestada. Torna-se, portanto, imprescindível que as instituições de saúde e os gestores invistam em estratégias preventivas, acompanhamento psicológico e políticas de valorização do trabalhador, a fim de promover um ambiente laboral mais saudável e seguro, contribuindo para o bem-estar e a qualidade de vida da equipe de enfermagem.

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Damião Romero Firmino et al. **Automedicação**: prática entre graduandos de enfermagem. Rev. enferm. UFPE on line, p. 363-370, 2019. Disponível em: <https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Agcd%3A6%3A33832758/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Agcd%3A134761306&crl=c&link_origin=scholar.google.com.br>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Produtos controlados**. 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos/controlados#:~:text=Devido%20%C3%A0s%20sua%20propriedades%20qu%C3%ADmicas,de%20uso%20proibido%20no%20Brasil>>. Acesso em: 07 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 6.360, de 23 de setembro de 1976**. Dispõe sobre a vigilância sanitária a que ficam sujeitos os medicamentos, as drogas, os insumos farmacêuticos e correlatos, cosméticos, saneantes e outros produtos, e dá outras providências. Brasília. 1976. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6360.htm>. Acesso em 25 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Automedicação pode trazer riscos à saúde**. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/automedicacao-pode-trazer-riscos-a-saude>>. Acesso em: 11 set. 2025.

BVS. **05/05 - Dia Nacional do Uso Racional de Medicamento**. 1970. Disponível em: <<https://bvsmis.saude.gov.br/05-5-dia-nacional-do-uso-razional-de-medicamento-2/#:~:text=A%20automedica%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20a%20utiliza%C3%A7%C3%A3o,e%20sintomas%20relatados%20pelo%20indiv%C3%A>Dduo.>. Acesso em: 04 set. 2025.

WYTERLIN, Ana Claudia Martins da Silva; JUNIOR, André Luiz Brasil Freire; NASCIMENTO, Charla Daiana Batista do. **Fatores predisponentes para o consumo de substâncias psicoativas na enfermagem**. Revista Artigos. Com, v. 30, p. e8266-e8266, 2021. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/826>>. Acesso em: 20 mai. 2025

FERREIRA, Isabella Silva; CARVALHO, Ciro José Sousa de. **A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação**: um problema de saúde pública. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 5, p. 47642-47652, 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29676>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

KING, Paula Cristina Yen. **Transtorno por uso de substâncias psicoativas em profissionais de saúde**. 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/223233>>. Acesso em: 27 mai. 2025.

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

PINTO, Cibele Dutra et al. **Automedicação entre estudantes de enfermagem em uma universidade privada no sul de Minas Gerais**. Research, Society and Development, v. 10, n. 8, p. e25210817129-e25210817129, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/17129/15441/219908>>. Acesso em: 25 set. 2025.

RIBEIRO, Ana Luísa Mendes et al. **Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho adquiridos por profissionais da enfermagem** -related Work musculoskeletal disorders acquired by nursing professionals. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 4, p. 31158-31167, 2022. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/47149>>. Acesso em 11 set. 2025.

SÁ, Welison da Silva Ferreira et al. **Estudo da correlação entre a horas de trabalho e a automedicação praticada por enfermeiros**. ARACÊ, v. 7, n. 1, p. 776-790, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2705>>. Acesso em 21 abr. 2025.

FERNANDES, Nazira Pereira da Silva; SANTOS, Luiz Eduardo Canton; OLIVEIRA, Larissa Mirelle de. **Automedicação de psicoestimulantes por estudantes de medicina e o impacto a longo prazo**. Revista Contemporânea, v. 4, n. 12, p. e6964-e6964, 2024. Disponível em: <<https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6964>>. Acesso em: 01 mai. 2025.

SILVA, Jairton Clebison Soares; SOUZA, Francisco das Chagas Rodrigues de; AOYAMA, Elisângela de Andrade. **A incidência do uso indiscriminado de medicamentos**. Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde–ReBIS, v. 2, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://revistatest2.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/138/>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

SOUZA, Ana Caroline Moraes; ANDRADE, Leonardo Guimarães de. **A atuação do farmacêutico na automedicação**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 3, p. 662-670, 2022. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4624>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

DELGADO, Arthur Ferreira; VRIESMANN, Lucia Cristina. O perfil da automedicação na sociedade brasileira. Revista Saúde e Desenvolvimento, v. 12, n. 11, p. 57-75, 2018. Disponível em: <<https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/download/950/533>>. Acesso em: 16 out. 2025.

XAVIER, Mateus Silva et al. **Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura**. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/22665/18160>>. Acesso em: 11 set. 2025.

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

APÊNDICE 1 –

Formulário elaborado pelos próprios autores, disponibilizado via internet (Google Forms), para a coleta de dados para a confecção deste artigo científico.

1. Você concorda, por livre e espontânea vontade, em participar dessa pesquisa de forma anônima?*

 - Sim

2. Qual gênero você se identifica?*

 - Masculino
 - Feminino
 - Prefiro não identificar

3. Qual a sua área de atuação?*

 - Unidade de internação hospitalar – enfermarias
 - Unidade de terapia intensiva – UTI
 - Pronto atendimento – OS
 - Maternidade e/ou pediatria
 - Centro cirúrgico
 - Ambulatórios
 - Setores fechados – hemodinâmica, hemodiálise e oncologia
 - Unidades básicas de saúde – UBS; ESF; OS
 - Outro:
 - Adicionar opção

4. Qual o seu cargo de atuação?*

 - Auxiliar de enfermagem
 - Técnico de enfermagem
 - Enfermeiro

5. Você já se automedicou em algum momento?*

 - Sim, sempre
 - Sim, às vezes
 - Sim, raramente
 - Não nunca

6. Você conhece os riscos da automedicação?*

 - Sim
 - Não
 - Não sei responder

Etec Professor Carmine Biagio Tundisi

7. Você já se automedicou no expediente de trabalho?*
- Sim, sempre
 - Sim, às vezes
 - Sim, raramente
 - Não, nunca
8. Qual a classe de medicamentos que você utiliza? Assinale todas as alternativas que correspondem aos uso.*
- Anti-térmicos
 - Analgésicos
 - Anti-inflamatório
 - Antibióticos
 - Psicotrópicos
 - Outro:
9. Assinale todas as alternativas que você acredita que contenham riscos associados á automedicação.*
- Dependência química
 - Dependência emocional
 - Danos fisiológicos: neurológicos, renais, cardíacos, hepáticos e/ou respiratório
 - Mascarar (camuflar) sinais e sintomas de outras doenças
 - Óbito
 - Aborto
 - Overdose medicamentosa
 - Outros:
10. Você acredita que a venda de medicamentos deveria ser feita apenas com prescrição médica?:*
- Sim
 - Não
 - Somente os que já são controlados (psicotrópicos e antibiótico)
11. Porque você pratica a automedicação?*